

MINISTÉRIO DOS COROINHAS
Formação bíblica, teológica e litúrgica
para o serviço do altar e do povo de Deus

Coleção CELEBRAÇÃO DA FÉ

- *Tríduo do(a) padroeiro(a): sugestões para organizar um tríduo em preparação à festa do(a) padroeiro(a) da paróquia*, José Carlos Pereira
- *As celebrações explicadas aos coroinhas e acólitos*, Edson Adolfo Deretti
- *A missa: subsídio para coroinhas, acólitos, cerimoniários e demais fiéis celebrantes*, Edson Adolfo Deretti
- *A luz perpétua: roteiro para celebrações fúnebres*, José Carlos Pereira
- *O ano litúrgico e as suas principais celebrações: subsídio para coroinhas, acólitos, cerimoniários e demais fiéis celebrantes*, Edson Adolfo Deretti
- *Como rezar a Liturgia das Horas*, Manoel Gomes da Silva Filho
- *Formação litúrgica do músico católico*, Sérgio Lisboa de Oliveira
- *Encontros de aprofundamento para coroinhas e acólitos*, Edson Adolfo Deretti
- *Ministério dos coroinhas: formação bíblica, teológica e litúrgica para o serviço do altar e do povo de Deus*, Miguel Debiasi

Frei Miguel Debiasi

MINISTÉRIO DOS COROINHAS

**Formação bíblica, teológica e litúrgica
para o serviço do altar e do povo de Deus**



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Debiasi, Miguel

Ministério dos coroinhas: formação bíblica, teológica e litúrgica para o serviço do altar e do povo de Deus / Frei Miguel Debiasi. – São Paulo: Paulus, 2020. Coleção Celebração da fé.

Bibliografia

ISBN 978-65-5562-084-9

1. Coroinhas - Igreja Católica 2. Celebrações litúrgicas 3. Igreja Católica - Liturgia I. Título II. Série

CDD 264.02

20-2619

CDU 264.02

Índice para catálogo sistemático:

1. Coroinhas: Liturgia

Direção editorial: *Pe. Sílvio Ribas*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Preparação do original: *Caio Pereira*

Imagem da capa: *iStock*

Capa e diagramação: *Karine Pereira dos Santos*

Impressão e acabamento: PAULUS



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções: paulus.com.br/cadastro

Televidas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11

1ª edição, 2020

© PAULUS – 2020

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-084-9

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. A CONDIÇÃO PARA COMPREENDER JESUS CRISTO: TER FÉ!	11
1.1. O humano e o divino de Jesus de Nazaré	22
1.2. A Igreja de Jesus de Nazaré à luz do Concílio Vaticano II.....	29
2. A IGREJA POVO DE DEUS: CASA DA PALAVRA E DA EUCARISTIA	37
2.1. A Igreja povo de Deus: casa da liturgia	41
2.2. A Igreja povo de Deus e seus símbolos litúrgicos	49
3. IGREJA POVO DE DEUS: COMUNIDADE MINISTERIAL	55
3.1. Ministério do coroinha: servir no altar e na comunidade	60
3.2. O ano litúrgico: celebração do mistério pascal de Cristo e da caminhada de fé	67
3.2.1. A dinâmica anual do calendário litúrgico	69
3.2.2. Celebração eucarística: sua estrutura	81
3.2.3. Gestos da assembleia na celebração eucarística	96
4. PRINCIPAIS OBJETOS DA CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA	105
4.1. As cores litúrgicas das vestes e da estola	121
4.2. Rito de investidura dos coroinhas	126
4.3. O zelo com a pastoral dos coroinhas	137
CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	145

INTRODUÇÃO

À luz do Concílio Vaticano II, a Igreja da América Latina passou a pensar e a considerar a missão de evangelizar a partir das realidades históricas, políticas, socioeconômicas e culturais do continente e dos cristãos. Sob este olhar teológico e eclesial, a ação pastoral latino-americana tomou novos rumos e caminhos peculiares que, de certa forma, proporcionaram o aparecimento do rosto da Igreja dos pobres. Em razão do contexto de pobreza e exclusão social, a ação pastoral passou a ser pensada com base na práxis da libertação. Na mesma trilha, a reflexão teológica acompanhou e fomentou os passos desta Igreja do povo empobrecido. O resultado desta opção por fidelidade às decisões do Concílio fortaleceu-se na reflexão da Teologia da Libertação e da prática pastoral de libertação dos pobres.

A caminhada da Igreja latino-americana, embora fortalecida pela reflexão da Teologia da Libertação e pela pastoral de cunho libertador, apresenta muitos desafios a ser superados. Entre eles, um refere-se à criação de novos ministérios e, conseqüentemente, à renovação e à qualificação de agentes e lideranças. Passadas cinco décadas de caminhada pós-concílio, persistem a prática da pastoral da “manutenção” e a iniciativa para a renovação do quadro de lideranças, que se encontra em estágio embrionário. Com isso,

o processo de renovação da Igreja à luz do Concílio torna-se lento e, por consequência, reduz seu potencial pastoral, que não contempla as mais diversificadas realidades sociais e humanas.

Além disso, a comunidade eclesial é constituída, na maior proporção, em termos de participação, por adultos e fiéis mais instruídos na fé em Cristo, e há uma tendência de domínio e poderio do homem sobre a mulher e dos adultos sobre as crianças, adolescentes e jovens. A todos Deus concede capacidade e dons para compreender e trabalhar pelo Reino dos Céus. Jesus Cristo manifesta essa vontade ao convidar as crianças para que façam parte de sua comunidade: “Deixai as crianças e não as impeçais de virem a mim, pois delas é o Reino dos Céus” (Mateus 19,14). Além de convidá-las a fazer parte do Reino dos Céus, Jesus as coloca como modelo. Contudo, ninguém está excluído dessa vontade do Senhor; todos são chamados para o seu seguimento.

Com base no chamado de Jesus, é preciso identificar que existem abertura e iniciativas pastorais da Igreja para com as crianças: o Projeto da Infância e Adolescência Missionária, a Garotada Missionária, a pastoral dos coroinhas e a catequese de iniciação à vida cristã, entre muitas. Contudo, é preciso reconhecer que, em muitas comunidades paroquiais, existe apenas a catequese de iniciação à vida cristã, e que outros projetos, movimentos e pastorais ainda não foram implantados. Por vezes, são mantidos critérios pastorais excludentes baseados nas origens da Igreja, constituída apenas por homens e mulheres, adultos, os conhecedores da doutrina cristã. Essa ideia e esse

modelo de Igreja implicam a exclusão de uma parcela dos batizados do serviço da comunidade de Cristo.

O modelo de Igreja de Cristo requer a participação de toda a comunidade, e desta espera-se a atitude de gerar a comunhão entre todos os seus seguidores. Na verdade, a participação e a comunhão na Igreja são o único caminho que constitui o povo de Deus, escolhido entre os povos que vivem em atitude de servir um ao outro. Em virtude do chamado de Cristo, oferecem-se neste livro reflexões teológicas e indicativos pastorais para a participação ativa das crianças na Igreja, de modo especial por meio do ministério dos coroinhas.

A reflexão que segue está estruturada da seguinte maneira: na primeira parte, apresentam-se estudos de caráter teológico e cristológico, buscando compreender quem é Jesus de Nazaré. Para isso, recorre-se ao pensamento de renomados teólogos, teólogas, católicos, protestantes e luteranos. Ainda, busca-se compreender o que é a Igreja. Também se recorre aos teólogos e aos documentos do magistério da Igreja, sobretudo do Concílio Vaticano II.

Na segunda parte, apresenta-se a Igreja povo de Deus como sendo a casa da Palavra de Deus e da celebração eucarística, e salientam-se a particularidade da liturgia eucarística e a necessidade de compreensão dos símbolos litúrgicos.

Na terceira parte, procura-se esboçar a Igreja povo de Deus dinamizada pelos ministérios e feita toda ministerialidade. Na reflexão, destacam-se o ministério dos coroinhas e, conseqüentemente, o que envolve esse serviço pastoral, como o conhecimento do ano litúrgico.

Na última e quarta parte, informam-se os principais objetos e sinais litúrgicos e apresentam-se indicativos específicos da pastoral dos coroinhas. Também se descrevem passos metodológicos e indicativos para acompanhar as crianças que são admitidas no ministério dos coroinhas.

Acredita-se que o presente texto será útil aos animadores da comunidade eclesial e paroquial, aos coordenadores da pastoral dos coroinhas, aos familiares e responsáveis pelas crianças e às próprias crianças, que poderão ser despertadas e motivadas para ingressar no serviço da liturgia eucarística. Também se espera que o texto seja útil aos sacerdotes e às lideranças preocupadas em propor iniciativas de renovação da Igreja. Enfim, aguarda-se que o presente trabalho tenha algum efeito positivo nas celebrações litúrgicas eucarísticas e, principalmente, as comunidades criem uma motivação toda especial pela participação ativa e consciente das crianças, adolescentes e jovens.

1.

A CONDIÇÃO PARA COMPREENDER JESUS CRISTO: TER FÉ!

Quais são os caminhos para compreender Jesus Cristo? Para a teologia e a Igreja, é absolutamente verdadeiro que, em Jesus Cristo, se fizeram presentes as duas naturezas: humana e divina. Porém, atualmente, no domínio dos métodos científicos, surgem questionamentos quanto à vida e à natureza de Jesus Cristo. Os cientistas pretendem abordar a reflexão sobre Jesus de Nazaré com base no método científico, sob a forma da verificação e da comprovação, como se estuda e se aplica a qualquer pesquisa sobre uma célula, objeto, planeta, árvore, doença. Querem estudar a existência de Jesus de Nazaré a partir de provas materiais, sem a experiência da fé, do seguimento a sua Palavra. Seguramente, sem a fé não se chega ao conhecimento sobre Jesus Cristo.

Com o método científico, os estudos sobre Jesus de Nazaré incorrem no perigo de reduzir sua existência exclusivamente à dimensão humana e histórica. Os teólogos e a teologia fazem objeções à aplicação do método científico no que diz respeito ao estudo sobre a vida de Jesus de Nazaré. O teólogo José Comblin, doutor em estudos bíblicos, classifica o método científico como impasse biográfico, por ser impossível traçar uma biografia perfeita de Jesus usando a ciência.

Por sua vez, é impossível comprovar o ordenamento histórico dos fatos relacionados a Jesus Cristo tendo por base os quatro Evangelhos. Os Evangelhos são escritos dentro de certa unidade e no critério do conteúdo da fé em Jesus Cristo, vivida pelos seus discípulos e pelos primeiros seguidores da Igreja primitiva.

Por outro lado, para José Comblin, os próprios evangelistas (Mateus, Marcos, Lucas e João) foram pessoas que conviveram com Jesus Cristo ou que viveram dentro de um período muito próximo dos acontecimentos, em sua ordem histórica dos fatos. Isso significa dizer que os evangelistas fizeram a experiência da convivência com Jesus humano, simplesmente homem, antes de chegar ao ato de fé definitivo, do seguimento ao Mestre. Por essa razão, há de se considerar muito convincentes as informações sobre Jesus Cristo contidas nos quatro Evangelhos. Ao considerar isso, ninguém poderia pôr em dúvida as informações dadas pelo evangelista João. Para Comblin, dos quatro evangelistas, João é o que dá maior historicidade às informações sobre Jesus Cristo.

A razão deste ordenamento histórico do Evangelho de João é que foi o último a ser escrito, entre os anos 90 e 110 d.C., e por João ter sido também apóstolo de Jesus Cristo. Para Comblin, João procura, em seu Evangelho, apresentar Jesus como a personalidade mais destacada e mais universalmente acessível. A preocupação central do Evangelho de João é apresentar a pessoa de Jesus. Essa peculiaridade não é exclusiva de João: os demais evangelistas tiveram a mesma preocupação de apresentar Jesus Cristo como a figura central do Evangelho. O Evangelho de Marcos

foi o primeiro a ser escrito, por volta do ano 70, e serviu como fonte para os evangelistas Lucas e Mateus.

Comblin chama a atenção para a necessidade de considerar as muitas dificuldades de interpretação dos Evangelhos, como, de modo particular, as palavras e os gestos de Jesus de Nazaré. E, certamente, não se pode ignorar a efervescência teológica da comunidade cristã primitiva, em que muitos de seus membros conviveram com Jesus de Nazaré ou viveram muito próximos dos fatos históricos. Também não podem ser desconsideradas as dificuldades acerca da concepção moderna de ato de fé, em que o ser humano tudo põe à prova, ou da pretensão da verificação científica.

Sem dúvida alguma, pode-se afirmar que Jesus é a figura central do Evangelho. Na verdade, refletir sobre a vida de Jesus Cristo obriga a teologia e a Igreja a pensar a partir do Evangelho, dos escritos oferecidos por Mateus, Marcos, Lucas e João. Nesse sentido, se o determinante para a compreensão de Jesus Cristo é o conhecimento do Evangelho, surge a pergunta: o que significa Evangelho? O Evangelho diz tudo sobre Jesus Cristo?

Na busca de respostas para essa questão, procuramos renomados teólogos do nosso tempo. Inicialmente, recorre-se aos estudos do teólogo protestante alemão Jürgen Moltmann,¹ que afirma: “Os Evangelhos apresentam a história de Jesus à luz de sua missão messiânica inaugurada por seu batismo”.² Segundo

1 Segundo o teólogo Leonardo Boff, Jürgen Moltmann (1926), teólogo protestante alemão, talvez seja a figura mais importante da teologia cristã atual. O teólogo ficou muito conhecido por obras como *Teologia da esperança* e *Deus crucificado*.

2 MOLTSMANN, 2009, p. 154.

esse teólogo, os Evangelhos sinóticos³ (Mateus, Marcos e Lucas) apresentam Jesus como pregador, com base na promessa do profeta Isaías, como o mensageiro da alegria vinda de Deus. O ponto de partida para essa conclusão do teólogo baseia-se na profecia de Isaías: “O espírito do Senhor está sobre mim, porque o Senhor me ungiu; enviou-me a anunciar a Boa-nova aos pobres, a curar os quebrantados de coração e proclamar a liberdade aos cativos, a libertação aos que estão presos” (Isaías 61,1).

Com base nessa profecia, para Jürgen Moltmann, desde o Antigo Testamento, o Evangelho pretendia anunciar uma mensagem alegre, a vitória, a salvação. Ele é o prenúncio da salvação. É a salvação precedendo a si mesma, no Evangelho. Ele é o início da epifania⁴ do Deus vindouro em forma de Palavra. É o anúncio do futuro na Palavra que promete e liberta. É a mensagem de Deus sobre seu povo, sua terra e

3 “Evangelhos sinóticos” é uma expressão que designa os Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, por conterem grande quantidade de histórias em comum, na mesma sequência, e algumas vezes usando exatamente a mesma estrutura de palavras. Esses textos abrangem mais da metade dos versículos de Marcos, um terço dos de Mateus e quase outro tanto de Lucas. Em geral, os Evangelhos sinóticos abrangem as mesmas parábolas e os mesmos milagres e acontecimentos importantes da vida de Jesus. Cf. MONLOUBOU; DU BUIT, 1996, p. 758.

4 Epifania é uma palavra de origem grega, *epiphaneia*, e significa manifestação ou aparição, a raiz da palavra *phainein*, que pode ser traduzida como mostrar, fazer ou aparecer. No sentido bíblico, é uma festa cristã celebrada no dia 6 de janeiro, doze dias após o Natal. Porém, a partir da reforma do calendário litúrgico, em 1969, passou a ser comemorada no segundo domingo após o Natal. Na narração bíblica, Jesus dá-se a conhecer às pessoas, ao mundo, em três eventos: a epifania propriamente dita, perante os magos do Oriente (como está relatado em Mateus 2,1-12) e que é celebrada no dia 6 de janeiro; a epifania a João Batista, no rio Jordão; e a epifania a seus discípulos e início da vida pública com o milagre de Canaã, quando começou seu ministério (João 2,1-12). No sentido bíblico e teológico, a epifania é o momento privilegiado da revelação de Deus na pessoa de Jesus como a luz do mundo, como reconhecem os três magos que foram adorá-lo em Belém. Os magos são os primeiros pagãos que reconhecem Jesus como o Messias, o enviado do Deus Pai. Cf. PEDROSO DA SILVA, 2010, p. 140.

toda a criação, a conclamação para a liberdade (Isaiás 52,2). Esta é a mensagem do precursor João Batista que Jesus toma: “O Reino de Deus está próximo: convertei-vos” (Marcos 1,14-15). É o Evangelho do Reino de Deus, da libertação do seu povo. É exatamente nessa mensagem que Jesus anuncia o futuro de Deus que traz a libertação do povo.

Com efeito, literalmente ou no sentido da palavra derivada do termo grego *euangelion*, o Evangelho significa “boa mensagem”, “boa notícia” ou “boas-novas”. Desde os primórdios do cristianismo, a teologia e a Igreja compreendem ser o Evangelho a mensagem da Boa-nova, da Boa Notícia de libertação e de salvação revelada por Jesus Cristo. O apóstolo Paulo, em sua carta aos Romanos, diz que “o Evangelho é força de Deus para a salvação de todo aquele que crê” (Romanos 1,16). Para o teólogo José Comblin, o Evangelho é o apresentar a pessoa de Jesus para todos os tempos e todas as gerações do mundo, o enviado do Pai, o único missionário capaz de reunir e salvar o mundo.

O renomado teólogo católico espanhol José Antônio Pagola escreve: “Os Evangelhos não recordam apenas as palavras de Jesus. Recolhem também seus efeitos e sua vida”.⁵ Os Evangelhos não foram escritos na finalidade de registrar uma biografia e esboçar um retrato histórico e psicológico de um personagem do passado. A intenção dos evangelistas era apresentar a presença e a ação salvadora de Deus na história, na pessoa de seu Filho Jesus. A história vivida por Deus

5 PAGOLA, 2010, p. 530.